

## Os deslocamentos territoriais no romance *Douceurs du bercail* (1998), da escritora senegalesa Aminata Sow Fall

Ana Claudia Romano Ribeiro <sup>1</sup>  
Gabriela Rodrigues de Oliveira <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar e discutir um tema central do romance *Douceurs du bercail* (1998), da escritora senegalesa Aminata Sow Fall: os deslocamentos territoriais. Inicialmente, apresentaremos algumas discussões acerca dos deslocamentos territoriais, notadamente da migração e da imigração, e sua presença na sociedade e na literatura senegalesas (DIOUF, 2009; MAMBENGA-YLAGOU, 2005; ROSA, 2014; THIOYE, 2005). Posteriormente, analisaremos alguns dos trechos da obra de Aminata Sow Fall nos quais os deslocamentos territoriais ganham relevo, evidenciando como Fall representa em sua narrativa este tema tão atual e importante (DIOUF, 2009; ONUKO, 2012; THIOYE, 2005).

**Palavras-chave:** *Douceurs du bercail*; Aminata Sow Fall; literatura senegalesa; deslocamentos territoriais; literatura de expressão francesa.

## Territorial displacements in the novel *Douceurs du bercail* (1998), by Senegalese writer Aminata Sow Fall

### ABSTRACT

The present article aims to present and discuss a central theme of the novel *Douceurs du bercail* (1998), by the Senegalese writer Aminata Sow Fall: territorial displacements. Initially, we will present some discussions about territorial displacements, notably migration and immigration, and their presence in Senegalese society and literature (DIOUF, 2009; MAMBENGA-YLAGOU, 2005; ROSA, 2014; THIOYE, 2005;). Subsequently, we will analyze some of the excerpts from

<sup>1</sup> Professora no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, SP, Brasil. Email: [acrribeiro@unifesp.br](mailto:acrribeiro@unifesp.br). Orcid: 0000-0002-0923-3228.

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de São Paulo e formada em Licenciatura em Letras Português-francês pela mesma universidade (2020), onde fez a pesquisa de iniciação científica, de que o presente artigo é um dos resultados parciais, intitulada "O tratamento literário do tema dos deslocamentos territoriais em *Douceurs du bercail* (1998), romance da escritora senegalesa Aminata Sow Fall". Essa pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo: nº 2019/11387-0, e orientada por Ana Cláudia Romano Ribeiro. E-mail: [gabriela.rodrigues18@unifesp.br](mailto:gabriela.rodrigues18@unifesp.br). Orcid: 0000-0002-9823-5080.



Aminata Sow Fall's work in which territorial displacement gains prominence, highlighting how Fall represents in her narrative this very current and important theme (DIOUF, 2009; ONUKO, 2012; THIOYE, 2005).

**Keywords:** *Douceurs du bercail*; Aminata Sow Fall; Senegalese literature; territorial displacements; French-speaking literature.

## 1. Introdução:

O substantivo “deslocamento”, de acordo com o dicionário *Aulete*, tem como primeira acepção a “ação ou resultado de deslocar(-se), de mudar de lugar;<sup>3</sup>”. O verbo “deslocar(-se)”, por sua vez, tem como um de seus sentidos o “mudar”; “Ir de um lugar para outro”<sup>4</sup>. São muitas as motivações que levam as pessoas a se deslocarem. A geógrafa Aline Rosa, ao estudar os deslocamentos territoriais, constata que eles podem dar-se por muitas razões:

O desejo de conhecer outros contextos, outras culturas; a necessidade de (re)começar, investir em novos projetos de vida; produzir outros modos de viver em um território distinto; experimentar situações diferentes, conquistar/inventar um novo espaço, construir outras relações com pessoas, explorar outras cenas culturais; um novo trabalho etc. São tantos os motivos que levam as pessoas a saírem de suas cidades e de seus países... São tantas as condições pelas quais saímos: como imigrantes, como viajantes, como estudantes, como exilados, turistas etc. (ROSA, 2014, p. 611).

Durante a história, os deslocamentos sempre estiveram presentes. As grandes navegações e expedições do século XVI e XVII são exemplos disso. Na literatura, essa temática está presente desde os antigos. A *Odisseia*, por exemplo, atribuída a Homero, tem como personagem principal Odisseu e narra o longo retorno desse herói a Ítaca, sua terra natal. Os deslocamentos também compõem o mais antigo registro narrativo épico conhecido, o *Gilgámesh*.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.aulete.com.br/deslocamento>. Acesso em 20. set. 2021.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.aulete.com.br/deslocar>. Acesso em 20. set. 2021.



Em nossa sociedade contemporânea, o deslocamento é influenciado por outros fatores, relacionados às consequências do passado colonial e a conjunturas econômicas, políticas e sociais específicas. Thioye<sup>5</sup> atenta para as questões que envolvem os migrantes e os países que o recebem, expressas nos discursos dos políticos e estudadas, em sua complexidade, no campo das ciências humanas:

Hoje, essas migrações de homens, mulheres e adolescentes, de todas as raças e gerações, parecem ocupar o centro do cenário político e midiático internacional. Elas representam uma ameaça para certas populações que os consideram como uma invasão que perturba a saúde, a ordem pública e, em seguida, a econômica. Esses fenômenos, por isso, são evocados nos discursos de dirigentes políticos ou de alguns pesquisadores da área das ciências humanas.<sup>6</sup> (THIOYE, 2005, p. 7)

As representações desses indivíduos que migram variam conforme o contexto e têm encontrado cada vez mais espaço para debate e representação, inclusive na literatura.

Mambenga-Ylagou aponta para a diferença entre os verbos “migrar” e “imigrar” e para a percepção do imigrante na literatura:

O verbo “imigrar” se distingue semanticamente de seu radical “migrar” que designa indiscriminadamente qualquer movimento de um determinado espaço a outro, com o objetivo de aí se estabelecer temporária ou definitivamente. Assim, de acordo com o seu uso corrente, o verbo “imigrar”, carregado de conotações pejorativas, parte do latim *imigrare* emprestado “entrar, ser introduzido em” e de *migrare* “mudar de residência”, para designar qualquer estrangeiro oriundo de um país pouco desenvolvido que

<sup>5</sup> Thioye chama a atenção para a interação entre os “deslocados” e os países que os recebem, por qualquer que seja a razão: “(...) Du simple exode rural au voyage transatlantique à caractère professionnel, ludique, touristique ou économique, ce fait de société, appelé “mouvements de populations”, “pressions démographiques” ou “flux migratoires”, prend actuellement de nouvelles proportions. Elle est l’objet de nouvelles considérations du fait qu’il implique la vie sociale, économique et surtout politique des déplacés mais aussi des pays hôtes. [...] Do simples êxodo rural à viagem transatlântica de carácter profissional, recreativo, turístico ou econômico, este fato da sociedade, denominado “movimentos populacionais”, “pressões demográficas” ou “fluxos migratórios”, tem tomado atualmente novas proporções. É objeto de novas considerações porque envolve a vida social, econômica e sobretudo política dos deslocados, mas também dos países de acolhimento”. (Todas as traduções são nossas, salvo se indicado outro nome de tradutor ou tradutora.)

<sup>6</sup> “Aujourd’hui, ces migrations d’hommes, de femmes et d’adolescents, toutes races et toutes générations confondues, semblent occuper les devants de la scène politique et médiatique internationale. Elles présentent une menace pour certaines populations qui les considèrent comme un envahissement qui perturbe l’ordre sanitaire, public et puis encore, économique. De ce fait, à travers les discours des leaders politiques ou de certains chercheurs dans le domaine des sciences humaines, on évoque ces phénomènes migratoires.”



trabalha em um país industrializado e muitas vezes vive frequentemente à margem das condições de vida das populações locais. Essa percepção do imigrante cristalizou-se no imaginário social, daí sua eleição como tema literário”.<sup>7</sup> (MAMBENGA-YLAGOU, 2006, p. 275)

O verbo migrar, portanto, tendo como sentido o de se deslocar de qualquer espaço para um outro, refere-se, assim, ao movimento de ir para outro lugar por um tempo determinado ou indeterminado. É uma noção geral. O verbo imigrar, por sua vez, particularizou-se, na (?) sociedade contemporânea, pelas conotações pejorativas ligadas à figura do estrangeiro advindo de um “país pouco desenvolvido que trabalha em um país industrializado e vive frequentemente à margem das condições de existência das populações locais”, como explica Mambenga-Ylagou. É muito frequente que esses imigrantes, por uma série de razões culturais e econômicas, não sejam vistos com bons olhos, e acabem por ser hostilizados. Tornam-se figuras de alteridade no imaginário social, discutidas e representadas em âmbito político e literário, como acontece em *Douceurs du bercail*, de Aminata Sow Fall.

Nos séculos XIX e XX, muitos africanos deslocaram-se para países europeus em um grande fluxo migratório. Com a Revolução Industrial, parte desses imigrantes serviu de mão de obra de baixo custo que formou a base do desenvolvimento econômico de países europeus; depois das guerras mundiais, a imigração contribuiu para a política de repovoamento e de retomada econômica da Europa.<sup>8</sup> A partir de 1960, ano da independência dos países da África Ocidental

<sup>7</sup> “Le verbe “immigrer” se distingue sémantiquement de son radical “migrer” qui désigne indifféremment tout déplacement d'un espace donné vers un autre dans le but de s'y établir temporairement ou définitivement. Ainsi donc, selon son usage courant, le verbe “immigrer” entouré de connotations péjoratives, s'écarte de son emprunt latin *immigrare* “venir dans, s'introduire dans” et de *migrare* “changer de résidence” pour désigner toute personne étrangère issue d'un pays peu développé qui travaille dans un pays industrialisé et vivant souvent en marge des conditions d'existence des populations locales. Cette perception de l'immigré s'est cristallisée dans l'imaginaire social, d'où son éléction comme thème littéraire.”

<sup>8</sup> Lemos mais detalhadamente em Thioye: “Após as duas guerras mundiais, essa Europa, ainda dominante e superior, viu-se esvaziada de parte da sua população e a imigração serviu de pretexto para rentabilizar a política de repovoamento. Considerada uma grande defensora dos direitos humanos, a França se torna o Eldorado para os sobreviventes da guerra, os judeus, as populações do sul da Europa, assim como para os magrebinos, os negros das Antilhas e da Martinica, mas também para os negros da África subsaariana. (...) Entre 1963 e 1964, seu influxo se intensifica sobretudo porque acordos trabalhistas foram assinados entre essas [França e outras nações europeias] e alguns países da África Ocidental. Esses acordos coincidem com o período pós-independência e os jovens intelectuais do continente negro aproveitam a oportunidade para irem aperfeiçoar sua formação profissional e estudantil. Assim, os cidadãos negros da Comunidade Britânica das Nações optam pela Grã-Bretanha



Francesa (AOF) e da África Equatorial Francesa (AEF), o período pós-independência fez com que muitos cidadãos fossem estudar e trabalhar na antiga metrópole, uma vez que os colonizadores tinham introduzido sua língua nos países dos colonizados e isso, de certo modo, facilitou o acesso destes à ex-metrópole (THIOYE, 2005, p. 8-9). Ao longo desses anos, o debate sobre fluxos migratórios na França e em outros países incidiu também sobre as leis de imigração, que se tornaram cada vez mais rígidas, como comenta Diouf:

(...) Essas leis formalizam a repressão da permanência ilegal em solo francês, reforçam o crescente controle das fronteiras, autorizam a restrição das condições para o reagrupamento familiar e a concessão do direito de asilo, e aumentam os poderes dos prefeitos para ordenar reconduções na fronteira. As expulsões massivas de africanos em vôos charter - que a administração francesa chama de “voo agrupado” - continuaram ininterruptamente desde essa data, incluindo duas grandes expulsões em 1991 e em 1996.<sup>9</sup> (DIOUF, 2009, p. 233)

Essas leis, portanto, tinham um caráter restritivo e não permitiam, em hipótese alguma, a imigração ilegal. Aqueles que se arriscassem corriam o risco de serem mandados de volta assim que fossem interceptados. Veremos mais à frente como *Douceurs du bercail* elabora ficionalmente esse problema, que aparece também em outras obras. Segundo Thioye,

(...) podemos notar um bom número de textos que tratam da literatura da imigração. Esse fenômeno, dada a sua magnitude, não deixa indiferentes os autores de textos ficcionais, pois esses, justamente, constituem o barômetro de um determinado estado da sociedade. Existe uma abundante literatura sociológica, política e jornalística e uma não negligenciável coleção de filmes sobre o africano afastado de suas raízes. Esses documentos procuram descrever, dentro dos limites das ideologias de seus autores, o africano fora de seu universo familiar. No entanto, os textos romanescos têm a vantagem de explicitar esses problemas, de traçar de forma viva, marcante e por vezes

---

e alguns países de língua inglesa, enquanto os nacionais das ex-colônias francesas necessariamente escolhem a França. Isto se explica por razões de conveniência para o imigrante, nomeadamente por seus conhecimentos linguísticos e proximidade em relação ao país de acolhimento” (THIOYE, 2005, p. 8-9).

<sup>9</sup> “(...) Ces lois formalisent la répression du séjour irrégulier sur le sol français, renforcent le contrôle accru des frontières, autorisent la restriction des conditions de regroupement familial et d'octroi du droit d'asile, et augmentent les pouvoirs des préfets d'ordonner des reconduites à la frontière. Les expulsions massives d'Africains dans des charters - que l'administration française désigne sous le nom de “vol groupé” - se sont poursuivies sans discontinuer depuis cette date, dont deux majeures en 1991 et en 1996.”



dramática o destino do africano em solo europeu, em todos os seus meandros e sutilezas.<sup>10</sup> (THIOYE, 2005, p. 10)

A literatura e o cinema senegaleses tratam desse tema atual denunciando e problematizando as questões levantadas pela imigração, como identidade, alteridade, consciência e pertencimento. Alguns exemplos são o romance *L'Aventure ambiguë* (1980) do escritor Cheik Hamidou Kane, o conto *La Noire de...* (1962) de Sembene Ousmane, que em 1966 fez com ele uma versão cinematográfica com título homônimo, e *Le baobab fou* (1984), primeiro romance autobiográfico da trilogia *Cendres et braises* da autora Ken Bugul.

Aminata Sow Fall também trouxe para *Douceurs du bercail* o tema dos deslocamentos territoriais e tudo o que eles implicam para suas personagens. A narrativa se passa em solo senegalês e francês e mostra alguns tipos de deslocamento entre esses dois países, evidenciando as motivações que levaram as personagens a partirem rumo à ex-metrópole ou a dela retornarem, assim como os diversos tipos de violência implicados nesses processos.

## 2. Deslocamentos territoriais no romance *Douceurs du bercail*

O romance *Douceurs du bercail*, da escritora senegalesa Aminata Sow Fall, foi publicado em 1998 pelas Nouvelles Éditions Ivoiriennes, em Abidjã, na Costa do Marfim. Ele conta um momento crucial na vida de Asta, a personagem principal de origem senegalesa: quando ela faz uma viagem de rotina para a França, a trabalho, mas, devido a fatores de cunho preconceituoso, é impedida de entrar no país hospedeiro e é levada para o “espaço conector”<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> “[...] on peut noter un bon nombre de textes traitant de la littérature de l’immigration. Ce phénomène, vu son ampleur, ne laisse pas indifférent les auteurs de textes de fiction d’autant que ceux-ci constituent le baromètre d’un certain état de la société. Il existe une littérature sociologique, politique et journalistique abondante et une collection non négligeable de films sur l’Africain éloigné de ses racines. Ces documents s’efforcent de décrire, dans les limites des idéologies de leurs auteurs, l’Africain en dehors de son univers familial. Cependant, les textes romanesques ont cet avantage d’explicitier ces problèmes, de dessiner d’une façon imagée, saisissante et parfois dramatique, le destin de l’Africain en terre européenne, dans tous ses tenants et aboutissants.”

<sup>11</sup> Acerca do espaço conector lemos: “Durante os últimos anos, diversas denúncias noticiaram a existência do chamado “Espaço Conector”. Ali, ficavam os estrangeiros inadmitidos no país, primordialmente aqueles com algum problema em sua documentação, detidos sob a custódia da Polícia Federal, por tempo indeterminado e em uma estrutura física precária, antes de serem repatriados a seus países de origem” (MARTINATTI; ROSSI, 2017,



(*dépôt*) do aeroporto.

Local para onde são levados os imigrantes cujos documentos apresentam irregularidades ou que representem algum tipo de problema para as autoridades alfandegárias, o “espaço conector” é onde se passa boa parte da narrativa. Asta desembarca do avião que a levou do Senegal para a França e, mesmo estando de posse de todos os documentos comprobatórios requeridos, os policiais do controle alfandegário insistem em revistar seus pertences e, depois, em revistá-la.

Primeiramente, Asta mostra ao funcionário o endereço do local onde ficará hospedada, a soma de dinheiro que levou consigo, a carta-convite dos organizadores do evento do qual ela participará e seu passaporte. Tudo parece correr bem, apesar da tensão e da dor nos pés, depois de uma longa viagem: “Ufa! Asta respira fundo, com uma impressão de bem-estar que a faz ignorar seus pés moídos”, FALL, 1998, 24)<sup>12</sup>. O leitor respira com ela. Ela passa pelo corredor que já conhece bem, onde se lê “Nada a declarar” e, feliz, avista sua grande amiga Anne<sup>13</sup>, que foi buscá-la no aeroporto. É neste ponto que surge um funcionário da alfândega que insiste em revistar os pertences de Asta:

- Nada a declarar?
- Nada, responde Asta com segurança e tranquilidade.
- Vamos ver mesmo assim o que é que tem nessa mala. (FALL, 1998, p. 24)<sup>14</sup>

A partir desse ponto a tensão dramática aumenta. O funcionário vasculha a mala de Asta, mexe nas roupas dela: “O funcionário alfandegário revista. Entre as roupas, as menores dobras

---

p. 65).

<sup>12</sup> “Ouf!” Asta souffle, avec une impression de mieux-être qui la rend sourde aux sollicitations de ses pieds en compote”. Todas as traduções de trechos de *Douceurs du bercail* são nossas.

<sup>13</sup> Em *Douceurs du bercail*, a personagem Anne é a amiga francesa de Asta. Anne, durante todo o romance tenta buscar alternativas para tirar nossa heroína da situação embaraçosa em que ela se encontra, ou seja, ela busca tirar Asta do espaço conector. Asta e Anne são amigas de longa data, elas se conheceram na maternidade quando ambas haviam dado à luz.

<sup>14</sup> “- Rien à déclarer?; - Rien, répond Asta avec une belle assurance.; - On va voir quand même ce qu’il y a dans la valise.”

120



do forro, todos os bolsos, a bolsa de toaletes”<sup>15</sup> (FALL, 1998, p. 24). Asta pensa que deverá ser capaz de fechar novamente uma mala que – ela rememora, introduzindo um pequeno alívio cômico na narrativa – havia sido difícil de fechar. Em seguida, o funcionário lhe pede os documentos que ela já havia mostrado antes. Sem entender a razão de tanto controle, Asta pergunta: “Mas, enfim, o que é que vocês estão querendo de mim?”<sup>16</sup> (FALL, 1998, p. 25).

O mesmo funcionário que revistou a mala de Asta pede que ela abra também uma caixa que faz parte de suas bagagens e que está fechada com fita adesiva. Asta o autoriza a abri-la e o funcionário faz isso com a ajuda de um canivete, descobrindo seu conteúdo: belos peixes conservados em gelo, agora derretido. Ele faz uma careta e Asta reage: “Sua cara é muito mais nojenta, diz Asta em um acesso de cólera”<sup>17</sup> (FALL, 1998, p. 25).

Ele revista cada objeto contido na caixa e, quando vê “um minúsculo objeto quadrado coberto por um tecido branco”<sup>18</sup> (FALL, 1998, p. 26), pergunta o que é. Asta responde: “*Un gri-gri...*”, ou seja, um amuleto sagrado, costurado, que o funcionário pede que ela abra. Asta responde que ele está costurado e o funcionário o rompe com seu canivete. Face a essa atitude desrespeitosa, (...) “Asta se sente profundamente ferida no que ela considera como sendo a profanação de seu território sagrado”<sup>19</sup> (FALL, 1998, p. 26). O funcionário se rejubila com o exercício do seu pequeno poder: “Seus olhos procuram os de Asta. Sorriso cheio de maldade de um animal que pisoteia sua presa para melhor humilhá-la”<sup>20</sup> (FALL 1998, p. 26).

A cada etapa do controle alfandegário a violência e os meios com que ela é exercida aumentam. Do controle rotineiro passa-se à revista invasiva e descuidada da mala e, em seguida, à laceração da caixa que será revista, seguida de um juízo de valor expresso pela careta do funcionário, e à laceração de um objeto sagrado de uso individual. Esses momentos, que já configuram uma violação da intimidade, prefiguram outra violação que está prestes a

<sup>15</sup> “Le douanier fouille. Entre les habits; les moindres replis de la doublure, toutes les poches, le trousseau de toilettes.”

<sup>16</sup> “Mais enfin, que me voulez-vous?”

<sup>17</sup> “Votre gueule est plus dégoûtante, dit Asta dans un accès de colère.”

<sup>18</sup> “un minuscule objet carré recouvert d’un tissu blanc.”

<sup>19</sup> “Asta ressent une profonde blessure de ce qu’elle considere comme la profanation de son territoire sacré.”

<sup>20</sup> “Ses yeux cherchent ceux d’Asta. Sourire méchant d’une bete qui piétine sa proie pour mieux l’humilier.”



acontecer. Asta, com o corpo já cansado por causa da viagem, começa a sentir que vai desmaiar, mas é interceptada por uma funcionária que a leva para um local onde vai revistá-la.

Esse local é referido como “*cage*”, mesma palavra usada para indicar uma “gaiola”, e é descrito como uma pequena sala com pesadas cortinas pretas, iluminada por um projetor que emite uma luz que cega (cf. FALL, 1998, p. 27). Asta aceita retirar seu casaco, seus sapatos e suas meias-calças: “Ela recusa tirar o restante”<sup>21</sup> (FALL, 1989, p. 27). É significativo o uso do verbo “recusar”, que indica uma ação possível dentro do pequeno espaço de autonomia reservado a ela na alfândega. A funcionária começa a revista: “Mãos enluvadas vasculham todas as partes de seu corpo, passam por baixo do sutiã, descem até o joelho, sobem por baixo da saia”<sup>22</sup> (FALL, 1998, p. 27); “Asta arrepia de nojo. Ela tem a sensação de estar sendo aniquilada.”<sup>23</sup> (FALL, 1998, p. 27). A revista é metódica e automática:

As mãos sobem. Uma unha, mal protegida pela luva, esbarra no seu umbigo. Dedos, ao redor de sua cintura, percorrem a borda de sua calcinha e param na altura dos quadris. Parada rápida para segurar e abaixar. Asta percebe que uma mão insolente bifurca e procura à força uma passagem fechada. Asta fecha as pernas. A mão insiste; ela tem vigor e, certamente, experiência. (FALL, 1998, p. 27)<sup>24</sup>

Mesmo sentindo-se invadida, a protagonista resiste: “Asta não quer ser vencida”<sup>25</sup> (1998, p. 27). Depois de sofrer a violação de sua bagagem e agora, de seu próprio corpo, movida por uma reação imediata à violência de todo o contexto alfandegário traduzida nos gestos da funcionária que a revista, Asta reage:

Uma raiva bestial toma conta dela. Ela gostaria de gritar sua cólera, mas não consegue emitir nenhum som. Suas duas mãos, como os ganchos de um autômato, param bruscamente no pescoço à sua frente. Asta agarra-o com todas suas forças apertando

<sup>21</sup> “Elle refuse d’ôter le reste.”

<sup>22</sup> “Des mains gantées lui balaient toutes les parties du corps, passent sous le soutien - gorge, descendent jusqu’aux genoux, remontent sous le jupe.”

<sup>23</sup> “Asta frissonne de dégoût. Elle a le sentiment qu’on la brise.”

<sup>24</sup> “Les mains montent. Un ongle, à peine amorti par le gant, bute contre son nombril. Des doigts, autour de sa taille, longent le bord de son slip et s’arrêtent au niveau des hanches. Arrêt rapide pour consolider la prise et ça tire vers le bas. Asta réalise qu’une main insolente bifurque et cherche à force un passage fermé. Asta serre les jambes. La main insiste; elle a de la vigueur et, sûrement, de l’expérience”.

<sup>25</sup> “Asta ne veut pas être vaincue.”



os dentes e nem chega a ouvir o grito lancinante que atrai um bando de policiais. Ela retoma a consciência quando vê crepitarem câmaras de todos os tipos.<sup>26</sup> (FALL, 1988, pp. 27-28)

Asta é algemada, mas não sente medo, demonstrando nessa situação extrema “uma atitude de desafio e provando, em seu íntimo, uma sensação de bem-estar que a torna tão serena que ela não reage quando as algemas se fecham sobre seus punhos”<sup>27</sup> (1998, p. 28).

Além de considerarmos ser esse o ponto principal do romance, na medida em que ele traz o nó da intriga, também consideramos esse o momento de maior tensão da narrativa. O conflito entre Asta e os funcionários responsáveis pela entrada dos estrangeiros em território francês, por um lado, e, por outro lado, a forma desumana e violenta com que a protagonista é tratada, configuram o clímax da narrativa, o momento em que “a estratégia discursiva direciona-se para propiciar um impacto no leitor” (ABDALA JR., 1995, p. 37).

Tudo o que se segue, no romance, desenrola-se a partir desse ponto principal.

Além de ser impedida de entrar, Asta não recebe nenhum tipo de auxílio do governo senegalês. Anne, amiga francesa de Asta, fica perplexa com a falta de assistência da embaixada senegalesa a um de seus compatriotas. Anne vai ao escritório falar com o secretário da embaixada. Ele aceita recebê-la e seu marido, Didier, a acompanha, mas o secretário demonstra não apenas falta de interesse em ajudar como também julga imediatamente que Asta é culpada, sem buscar mais informações sobre o caso do que as que a imprensa sensacionalista publica, o que parece sublinhar a superficialidade e a preguiça desse personagem. Anne se mostra irritada com um órgão oficial senegalês que não se mostra eficaz para auxiliar os próprios cidadãos senegaleses. Acerca do significado desse episódio, Onuko avalia:

---

<sup>26</sup> “Une rage bestiale la saisit. Elle voudrait hurler sa colère mais ne peut émettre aucun son. Ses deux mains, comme les crocs d’un automate, se ferment brusquement sur le cou de son vis-à-vis. Asta s’y agrippe de toute ses forces, les dents serrés, et n’entend même pas le cridéchirant qui attire une meute de policiers. Elle reprend conscience lorsqu’elle voit crépiter des caméras de toutes sortes”.

<sup>27</sup> “une attitude de défi et en éprouvant, au fond d’elle-même, une sensation de bien-être qui la rend si sereine qu’elle ne réagit pas quand des menottes se referment sur ses poignets.”



Aminata Sow Fall ocupa um lugar privilegiado na crítica social na literatura africana de expressão francesa. Como resultado, *Douceurs du bercail* lhe serve de instrumento para criticar o racismo, a opressão e a violação dos direitos humanos atualmente praticados pelas autoridades da imigração contra os imigrados francófonos no aeroporto, na França. Este texto também lhe serve como veículo apropriado para criticar o governo senegalês por nada fazer para defender seus cidadãos que, tal como Asta, haviam obtido todos os documentos exigidos para viajar ao estrangeiro.<sup>28</sup> (ONUKO, 2012, p. 148)

A estudiosa aponta que, em *Douceurs du bercail*, Fall denuncia o preconceito e a violação de que são alvo os imigrantes que chegam aos aeroportos franceses – não todos os imigrantes, mas especialmente aqueles que são francófonos, ou seja, advindos de antigas colônias francesas. Como se isso já não configurasse um problema, o próprio governo da antiga colônia parece ser conivente com a ex-metrópole, não tomando partido de seus concidadãos, mesmo quando esses estão dentro da legalidade, e age com desconfiança, em conivência com os funcionários do controle alfandegário.

Após alguns dias passados no espaço conector do aeroporto, Asta, juntamente com os amigos que ela fez nesse espaço, Yakham, Dianor e Séga, é deportada para o seu país de origem:

O dia chegou. Mesmo voo para todos. Um charter. Uma voz: “Embarque imediato. A ordem das escalas será indicada a bordo. O café da manhã será servido no avião.” (...) “Duzentos e vinte e sete imigrantes clandestinos expulsos.” Mesmo na primeira página dos jornais a informação não teve a repercussão de um furo. Como se o efeito espetacular das repatriações massivas tivesse sido diluído em uma espécie de rotina que, periodicamente, levanta ondas de controvérsias e depois se acalma enquanto não vem o próximo acesso de febre que todo mundo sente planar no ar. (...) “Imigrantes clandestinos repatriados em charter”. Anne recebeu a notícia como um tapa. Reação curiosa, pois ela nunca havia excluído essa possibilidade do horizonte das probabilidades. Mas ela não queria acreditar. Certamente porque a ideia de associar o nome de Asta a um charter vergonhoso era inadmissível, aberrante, não era natural (FALL, 1998, p. 131-135).<sup>29</sup>

<sup>28</sup> “Aminata Sow Fall occupe une place privilégiée en tant que sociocritique dans la littérature africaine d’expression française. Par conséquent, *Douceurs du bercail* lui sert d’instrument pour critiquer le racisme, l’oppression, et la violation des droits de l’homme pratiqués actuellement par les autorités de l’immigration contre les immigrés francophones à l’aéroport en France. Ce texte lui sert aussi d’un véhicule approprié pour critiquer le gouvernement sénégalais qui ne fait rien pour défendre ses citoyens tels que Asta avaient obtenu tous les documents exigeants pour voyager à l’étranger.”

<sup>29</sup> “Ce jour, il n’y a pas eu d’appel. Le même convoi pour tous. Un charter. Une voix: “Embarquement immédiat. L’ordre des escales sera indiqué à bord. Le petit déjeuner sera servi dans l’avion”. (...) “Deux cent vingt-sept immigrés clandestins expulsés”. Même à la une des journaux l’information n’a pas eu le retentissement d’un scoop. Comme si l’effet spectaculaire des rapatriements massifs s’était dilué dans une espèce de routine qui,



Essa sequência narrativa exprime o sentimento de indignação, pesar e certa resignação. Os estrangeiros são deportados em um “charter vergonhoso”, o que nos leva a nos perguntar: vergonhoso para quem? Diouf, ao analisar o romance de Fall, lembra que a deportação sistemática teve início com as leis anti-imigração criadas por Pasqua e promulgadas em 1986. Essas leis fizeram com que aumentasse o controle na fronteira havendo, conseqüentemente, um aumento da repressão da estadia irregular em território francês (DIOUF, 2009, pp. 233-234).

Diferentemente de Asta, que não tem por intenção morar na França, suas filhas, Maram e Sira, vivem na ex-metrópole. No capítulo 9, há uma reflexão de Asta que, com sua amiga Anne, lamenta o fato de suas filhas afastarem-se de seu país de origem, o Senegal:

E olha que eu recebo cada vez menos notícias da Maram e da Sira.

Eu tinha pensado em falar com elas, na sua casa, sobre a necessidade de aprender também sobre os ancestrais delas para viver sem maiores prejuízos a vida que, pelo jeito, elas escolheram, e para a qual – é preciso dizer honestamente – o pai delas e eu mesma as tínhamos preparado. Mas a estadia no espaço conector virou tudo de ponta cabeça. Eu não senti da parte delas as marcas de afeição fortes que eu esperava. Eu tinha esperado vê-las desembarcar no primeiro avião depois do meu retorno. Acho que elas não sentem mais nenhum vínculo com a nossa terra... (...) É culpa nossa. Nós as educamos seguindo uma moda, sem nos questionarmos. Elas não falam a nossa língua... (FALL, 1998, pp. 184-185)<sup>30</sup>

---

périodiquement, soulève des vagues de controverses puis se calme en attendant le prochain accès de fièvre que tout le monde sent planer dans l'air. (...) “Immigrés clandestins rapatriés en charter”. Anne a reçu la nouvelle comme une gifle. Réaction curieuse, tout de même, car elle n'avait jamais exclu cette issue de l'ordre des probabilités. Mais elle ne voulait pas y croire. Certainement parce que l'idée d'associer le nom d'Asta à un charter de la honte était inadmissible, aberrante, contre-nature”.

<sup>30</sup> Dire que je reçois de moins en moins de nouvelles de Maram et de Sira.

Je comptais leur parler chez toi, de la nécessité d'apprendre aussi du côté de leurs ancêtres pour vivre sans dommages majeurs la vie que, manifestement elles ont choisie, et à laquelle – il faut le dire honnêtement, – leur père et moi-même les avions préparées. Mais le séjour au dépôt a tout faussé. Je n'ai pas senti de leur part les marques d'affection fortes auxquelles je m'attendais. J'avais même espéré les voir débarquer du premier avion après mon retour. Je crois qu'elles ne sentent plus de lien avec notre terre... (...) C'est notre faute. Nous les avons éduquées en suivant une vague, sans nous poser des questions. Elles ne parlent pas notre langue...”



O deslocamento territorial das filhas de Asta do Senegal à França culminou numa ruptura com as origens. A própria protagonista admite que foi um erro dela e do pai de suas filhas não as terem colocado no caminho da valorização da própria cultura, pois sua geração se preocupava mais em mandar os filhos para estudar fora do que em inculcar neles um sentimento de pertencimento e responsabilidade pelo país onde nasceram – tema que será retomado ao final de *Douceurs du bercail*, consequência de um duro aprendizado. À medida que Maram e Sira afastam-se de suas origens senegalesas, acabam também por afastarem-se de sua mãe e de seu pai. Concordamos com Onuko quando ela analisa que:

Asta, a heroína do romance, reclamava da falta de amor de suas filhas na França por ela, porque elas nem mesmo tentaram contactá-la no Senegal após seu retorno no charter vergonhoso. Satisfeitas com a vida na França, elas não viram necessidade de aprender os valores culturais de seus ancestrais. Já era tarde demais quando seus pais começaram a se preocupar por elas não quererem vínculos com o Senegal, seu país de origem. Eles não haviam pensado na educação que seria preciso dar a suas filhas para ajudá-las a se adaptar aos problemas que poderiam enfrentar no futuro como estrangeiras na França. (...) Obviamente, crianças assim acreditavam pertencerem à mesma classe social dos franceses, seus senhores. Zombavam dos imigrantes maltratados e deportados pelas autoridades francesas sem se preocupar com seu próprio futuro. Mas os franceses as viam como indivíduos que não eram iguais a eles. Para os franceses, elas pertenciam à classe inferior da sociedade. Torna-se necessário que os pais as ajudem a encontrar as suas raízes para que não percam essa dimensão da sua vida. É aquele que se conhece e aceita sua identidade que pode enfrentar o choque do racismo e todos os tipos de reviravoltas na vida.<sup>31</sup> (ONUKO, 2012, pp. 149 - 150)

As filhas de Asta estão tão identificadas com suas vidas na França que não veem necessidade de estar em contato com a cultura e com os valores de seu país natal, sentem

<sup>31</sup> “Asta, l’héroïne du roman se plaignait du manque d’amour de ses enfants en France pour elle, parce qu’ils n’avaient même pas essayé de la contacter au Sénégal après son retour par le charter de la honte. Satisfaits de leur vie en France, ils ne voyaient pas la nécessité d’apprendre les valeurs culturelles de leurs ancêtres. C’était trop tard que leurs parents avaient commencé de s’inquiéter qu’ils ne voulaient pas de lien avec Sénégal, leur pays d’origine. Leurs parents n’avaient pas réfléchi sur l’éducation qu’il faudrait [donner] à leurs enfants pour les aider à s’adapter aux problèmes qu’ils pourraient rencontrer à l’avenir comme les étrangers en France. (...) Evidemment, ces enfants se croyaient être dans la même classe sociale que les Français leurs maîtres. Ils se moquaient des immigrés qui étaient maltraités et expulsés par les autorités françaises sans se soucier de leur propre futur. Mais, les Français les considéraient comme des individus qui n’avaient pas la même égalité qu’eux-mêmes. Pour les Français, ils appartenaient à la classe inférieure de la société. Il devient nécessaire que leurs parents les aident à retrouver leurs racines pour qu’ils ne manquent pas cette dimension de leur vie. C’est celui qui se connaît et accepte son identité qui peut affronter le choc du racisme et de toutes sortes de bouleversements dans la vie”.



vergonha dele e, nesse processo de rejeição e desconhecimento de suas raízes, enfraquecem-se. A protagonista e o pai de suas filhas provavelmente pensavam assim quando eram jovens, mas modificaram-se, inclusive pela consciência das relações assimétricas entre Senegal e França. As filhas, seu futuro, tornam-se assim uma imagem do passado deles.

Onuko conclui: “É aquele que se conhece e aceita sua identidade que pode enfrentar o choque do racismo e de todos os tipos de reviravoltas na vida<sup>32</sup>”, constatando que a questão da identidade é fundamental para que o indivíduo se reconheça e seja reconhecido – a manutenção dos laços com o país de origem contribui para esse reconhecimento. As filhas de Asta, Maram e Sira, mesmo não se reconhecendo assim, são tão imigrantes e tão senegalesas quanto sua mãe Asta e seus outros compatriotas que estavam no espaço conector.

Cada um dos demais personagens na narrativa tem suas motivações particulares que os levaram a sair de seu país. O personagem Yakham, por exemplo, um senegalês que Asta conhece no espaço conector, buscou imigrar para obter uma melhor condição de vida, mas fez isso apresentando documentos falsos para conseguir entrar na ex-metrópole. É válido e instrutivo comparar as duas situações de ilegalidade: a que foi vivida por Asta, no aeroporto, e a de Yakham. Essas situações nos levam a nos perguntar: Quem pratica a ilegalidade? Por que razões? Como se reage à ilegalidade? Quem reage? Como reage? As respostas a essas perguntas são assunto para outro artigo. Voltemos a Yakham.

Ele não tinha ideia do que faria no país estrangeiro e apostou na sorte. Em uma de suas falas, conta que foi reprovado na faculdade, e, depois disso, durante 7 anos, só fazia bicos em seu país de origem. Sua motivação não era estudar fora, mas sim conseguir um bom emprego para enviar dinheiro para os seus pais, principalmente para sua mãe, que foi quem providenciou e pagou pelos documentos falsificados. Yakham narra suas dificuldades no país estrangeiro e reflete sobre a engrenagem socioeconômica na qual ele ficou preso:

Eu me virei do jeito que deu. No início, foi muito difícil, horrível. Em pleno inverno. Mas eu me adaptei rapidamente porque tinha uma vontade firme de me dar bem. Minha

---

<sup>32</sup> “(...) C’est celui qui se connaît et accepte son identité qui peut affronter le choc du racisme et de toutes sortes de bouleversements dans la vie.”



cabeça estava cheia de sonhos, mesmo quando eu tinha que dividir o quatinho e a cama de um primo estudante e quando eu ralei muito durante um mês e meio, procurando emprego, batendo os dentes de frio, sem achar nada... Em todo caso, não um emprego “de colarinho branco e mãos macias” como eu queria. Quando a gente vem aqui, pensa que está indo ao Paraíso... Eu acabei levando em conta os conselhos do meu primo: não me aventurar a procurar coisa que não fosse os “bicos dureza” que as pessoas aqui não querem: construção civil, transporte e manutenção nas feiras ou nos mercados. O resto era arriscado por causa dos documentos que eles pedem para contratar o serviço... Nunca se sabe se a gente vai cruzar com uma pessoa boa, compreensiva, cúmplice até, como meu patrão, ou com uma besta que logo te coloca na frente de um policial... Engraçado, tem pessoas que ficam nervosas só de olhar pra gente... Eu me recuso a acreditar que é só por causa da pele. É verdade que há cada vez mais racistas, mas eu acho que a crise também tem lá sua parcela de culpa (FALL, 1998, pp. 100-101).<sup>33</sup>

Quando Yakham diz: “Quando a gente vem aqui, pensa que está indo ao Paraíso<sup>34</sup>”, evoca sua desilusão e um trocadilho: Paris como Paraíso, um lugar para onde os imigrantes vão cheios de sonhos, buscando oportunidades melhores de vida, mas o que acabam encontrando é uma situação muito diferente, de muitas dificuldades. Ainda que nenhuma passagem do romance situe a cidade onde se encontra o aeroporto em que Asta desembarca e onde conhece compatriotas seus, pode-se pensar que ela seja Paris ou outra grande cidade equivalente. Um trecho da pesquisa de Thioye parece formular de outra forma o que diz o personagem Yakham em *Douceurs deu bercail*:

O imigrante africano, ao chegar à França, rapidamente percebe que o alto custo de vida é um freio ao seu sonho, o que lhe permite romper involuntariamente com o mito que apresenta o Norte como um Éden. Na verdade, confrontado com sua condição de estrangeiro, ele percebe que o trabalho fácil, o luxo abundante e uma tecnologia transbordante que beneficia os cidadãos são apenas uma miragem. Estereotipado por

<sup>33</sup> “Je me suis débrouillé tant bien que mal. Au début, c’était très dur, affreux même. En plein hiver. Mais je me suis vite adapté parce que j’avais la ferme volonté de réussir. Ma tête était pleine de rêves, même quand je devais partager la petite chambre et le lit d’un cousin étudiant et que j’ai battu le pavé des rues pendant un mois et demi en grelottant, sans trouver un emploi... En tout cas pas un emploi “col blanc mains douces” comme je le souhaitais. Quand on vient ici, on croit toujours aller au Paradis... J’ai fini par prendre en compte les conseils de mon cousin: ne pas m’aventurer à chercher ailleurs que dans les “boulots durs” dont les gens d’ici ne veulent pas: bâtiment, enlèvement, manutention dans les marchés hebdomadaires ou dans les halles. Tout le reste était “risqué à cause des papiers qu’on vous réclame avant toute embauche... On ne sait jamais si on va tomber sur quelqu’un de bon, compréhensif, complice même, comme mon patron, ou sur un gras qui vous met tout de suite en face d’un policier... C’est drôle, y des gens qui deviennent nerveux rien qu’à nous voir... Moi, je refuse de croire que c’est une histoire de peau seulement. Il est vrai qu’y (qu’il y en a?) en a de plus en plus de racistes mais je crois que la crise aussi y est pour beaucoup.

<sup>34</sup> “Quand on vient ici, on croit toujours aller au Paradis.”



um passado colonial que o apresenta como um ser incivilizado, preguiçoso e originalmente servil, para retomar no essencial as palavras de Gaston Kelman, ele geralmente é coletor de lixo, segurança e ocupa empregos subalternos.<sup>35</sup> (THIOYE, 2005, pp. 41-42)

Se, por um lado, os deslocamentos de Asta e Yakham da África para terras europeias foram não apenas difíceis como traumáticos, a narrativa nos mostra, por outro lado, a experiência de Anne. Europeia, filha de um administrador colonial, ela “imigrou” com sua família para o Senegal e para outros países africanos. Em seguida ela retornou à sua terra natal, mas voltou esporadicamente para as ex-colônias, em um contexto totalmente oposto ao dos personagens africanos de *Douceurs du bercail*. Vejamos como Anne relata sua relação com o Senegal e os demais países onde esteve por causa da profissão de seu pai:

Tudo lhe [a Anne] é familiar nesta parte do continente [africano] bordada em um lado pelas linhas mudas e eternamente moventes do deserto e, no outro, pelas costas marítimas. Ela viveu aí dez bons anos de sua vida. Quando criança, depois jovem adolescente, ela sentia com amor e apetite os cheiros do inverno, quando rajadas enraivecidas rasgavam a fornalha ambiente e levavam em seu delírio todas as coisas que sua impiedosa leveza expunha a esses ataques sublimes que precediam a chuva e o tempo do amendoim fresco. Tombuctu, Miradi, Kankan, Bobo-Dioulasso, Ndar Guedj a bela, adornada com véu de índigo... (...) Anne deixou essas terras há muito tempo e não retornou a não ser em raras ocasiões, mas ela conserva intactas as lembranças longamente acumuladas por causa das viagens ou das incumbências de seu pai que, na época, era administrador colonial. O Senhor Francis Lebeau mudava de cargo a cada dois ou três anos. Anne não ficara particularmente feliz com essas mudanças frequentes que lhe faziam o que fazem as rupturas quando ela havia integrado um universo e feito amizades. Ela reclamava e manifestava seu descontentamento a seus pais... “Nada vai mudar... quase, minha filha. As viagens formam a juventude... É preciso ver as pessoas e sua diversidade para compreender o mundo... Pra nós, de todo modo, nada vai mudar. Você vai ver, querida, é só a cor da terra que muda... Ocre, amarelo, branco ou preto, e a forma das pedrinhas... Mas você vai encontrar em toda parte o mesmo sol.”<sup>36</sup> (FALL, 1998, pp. 30-32)

<sup>35</sup> “L’immigré africain, à son arrivée en France, se rend vite compte que la cherté de la vie constitue un frein à son rêve, cela lui permet de rompre involontairement avec le mythe qui présente le Nord comme un éden. En effet, confronté à sa condition d’étranger, il s’aperçoit que le travail facile, le luxe à profusion et une technologie débordante au bénéfice des citoyens n’est qu’un mirage. Stéréotypé par un passé colonial qui le présente comme un être non civilisé, paresseux et originellement desservi, pour reprendre en substance les propos de Gaston Kelman, il est habituellement éboueur, vigile et occupe des emplois subalternes”.

<sup>36</sup> “Tout lui [a Anne] est familier dans cette partie du continent [africano] bordée d’un côté par les lignes muettes et éternellement mouvantes du désert, et de l’autre par les rivages de l’océan. Elle y a vécu dix bonnes années de sa vie. Enfant, puis jeune adolescente, elle y a humé avec amour et gourmandise les senteurs de l’hivernage, quand des rafales en colère déchiraient la fournaise ambiante et emportaient dans leur délire toutes choses que leur



O fato de o pai de Anne ser administrador colonial mostra que o trecho acima trata de uma época anterior a 1960, data da independência do Senegal e de outros países africanos. A relação que Anne apresenta para com os países da África, por ter vivido neles quando criança e adolescente, é sempre descrita com muita nostalgia, saudosismo e, segundo nos parece, quase inverossímil: são boas as memórias da vida em família, dos passeios, da natureza dos lugares onde morou. Seriam essas lembranças filtradas por certa idealização acrítica da personagem em relação a seu passado? Acerca desse tipo de imigração, Thioye evidencia que:

No que diz respeito à imigração de europeus para a África, podemos dizer que a situação desses expatriados é bastante invejável em comparação com a dos africanos na Europa. A garantia e segurança oferecidas pela supremacia de seu valor monetário e a ascendência da ajuda econômica dos países industrializados sobre os do Terceiro Mundo abrem caminho para todas as portas. Assim, mesmo residindo em solo estrangeiro, os europeus presentes em África instalam-se, na maioria das vezes, como empresários, por conta própria ou à frente de empresas que se mudam para lá. Eles geralmente operam na indústria do turismo e muitas vezes possuem boas terras. Esta situação é considerada injusta pelos imigrantes, principalmente porque na Europa nem sempre é fácil para os estrangeiros concretizarem algum projeto de futuro.<sup>37</sup> (THIOYE, 2005, p. 44)

impitoyable légèreté exposait à ces razzias sublimes qui précédaient la pluie et le temps des cacahuètes fraîches. Tombouctou, Miradi, Kankan, Bobo-Dioulasso, Ndar Guedj la belle, parée de voile indigo... Quel bonheur dans son coeur, quelle musique dans son corps!... (...) Anne a quitté ces terres depuis bien longtemps et n'y est retournée qu'en de rares occasions, mais elle garde intacts les souvenirs longuement engrangés à la faveur des voyages ou des affectations de son père qui, à l'époque, était administrateur des colonies. Monsieur Francis Lebeau changeait de poste tous les deux ou trois ans. Anne n'était pas particulièrement heureuse de ces déménagements fréquents qui lui faisaient l'effet d'une rupture alors qu'elle avait intégré un univers et noué des amitiés. Elle grognait et le faisait entendre à ses parents... "Rien ne changera... presque, ma fille. Les voyages forment la jeunesse... Faut voir les gens et leur diversité pour comprendre le monde... Pour nous, de toute façon, rien ne changera. Tu verras bien, chérie, y a que la couleur de la terre qui changera... Ocre, jaune, blanc ou noir, et la forme des cailloux... Mais tu trouveras bien partout le même soleil".

<sup>37</sup> "Pour ce qui est de l'immigration des Européens en Afrique, l'on peut dire que la situation de ces expatriés est plutôt enviable comparée à celle des Africains chez eux. L'assurance et la sécurité qu'offrent la suprématie de leur valeur monétaire et l'ascendance de l'aide économique des pays industrialisés vis-à-vis de ceux du Tiers-Monde ouvrent la voie à toutes les portes. Ainsi, même résidant sur un sol étranger, les Européens présents en Afrique sont la plus part du temps installés en qualité de chefs d'entreprises, à leur propre compte ou à la tête de sociétés transplantées. Ils mènent habituellement des activités dans le secteur touristique et sont souvent propriétaires de bons sites. Cette situation est jugée injuste par les immigrés d'autant qu'en Europe, il n'est pas toujours évident pour les étrangers de concrétiser un quelconque projet d'avenir" (THIOYE, 2005, p. 44).

130



Seja essa imigração europeia anterior ou posterior à independência das ex-colônias africanas, percebemos uma oposição diametral que está expressa em *Douceurs du bercail*: de um lado, uma representação quase idílica, que não toca em situações de conflito, da vida de Anne e sua família em solo africano colonial; de outro lado, a representação distópica da vida dos senegaleses em solo europeu após a independência. As vivências de Asta, suas filhas, Yakham e os demais imigrantes presos no espaço conector não apenas são narradas em mais detalhes, mas de modo mais complexo, já que misturam reações diferentes à ex-colônia, esperança e violência. É como se a lembrança da vida de Anne no Senegal fosse uma pintura bidimensional que representa uma paisagem idílica na qual se ignora qualquer fato que possa perturbá-la – e talvez isso seja uma forma de violência, dando ainda mais força às descrições vivas das personagens representadas em situações que são consequência do passado colonial.

Além da imigração, em *Douceurs du bercail* é também importante para a construção da narrativa o deslocamento territorial dentro do país, presente na segunda parte do romance, quando Asta já está de volta ao Senegal e se muda para o campo. Asta e alguns dos amigos que ela fez no espaço conector compram um terreno numa região rural do Senegal e a personagem Asta a batiza de *Naatangué* (Naatanguê), palavra que “inclui as noções de felicidade, abundância, paz”<sup>38</sup>, segundo informa uma nota de rodapé do romance. Tal significado torna possível pensar nesse lugar como um lugar agradável e ideal no qual a felicidade plena é possível – sonho antes projetado em países europeus – e, de fato, será possível, já que Naatanguê será uma fonte de riqueza e prosperidade para seus habitantes a partir do reconhecimento e da valorização de produtos locais. A volta das personagens ao Senegal marca um ponto de início de uma trajetória de reencontro dos cidadãos senegaleses entre si, de reconexão deles com seu próprio país e de reconhecimento de suas potencialidades inexploradas. É para recomeçar uma nova vida com novos projetos em sua terra natal que as personagens compram um terreno no campo, buscando esquecer todos os preconceitos e dificuldades que passaram em solo estrangeiro. É lá onde eles nasceram que eles encontrarão

<sup>38</sup> “couvre les notions de bonheur, abondance, paix.”



novas oportunidades de ressignificação de sua origem: é em Naatanguê que as personagens senegalesas descobrem oportunidades que farão com que enriqueçam sob todos os pontos de vista e poderão exercer plenamente sua cidadania.

### 3. Considerações finais

No presente artigo, apresentamos o tema deslocamentos territoriais: fato humano imemorial e tema literário. Discutimos algumas das implicações dos termos “migração” e “imigração”, e as conotações mais frequentes do termo “imigrante” no contexto dos deslocamentos entre África e Europa, resultantes, sobretudo, de um passado marcado pela história colonial e seus desdobramentos. Percebemos como esse tema marca nossa época e também, em particular, a literatura senegalesa. Em seguida, localizamos em *Douceurs du bercaïl*, romance de Aminata Sow Fall, escritora nascida no Senegal, cinco tipos de deslocamentos. O primeiro, ao qual reservamos mais páginas, é também o nó da intriga: ele se configura pelo deslocamento da senegalesa Asta, a personagem principal, de seu país para outro, nunca nomeado, mas que podemos deduzir que possa ser a França; esse deslocamento é seguido de uma situação de abusos sucessivos de que é vítima a personagem no aeroporto, quando ela passa pelo controle alfandegário, e encerra-se com a violência de outro deslocamento, a deportação.

O segundo tipo de deslocamento apresentado é o das filhas de Asta, Maram e Sira, que, estimuladas pelos pais, partem para estudar na França, mas acabam por se esquecerem de seu país de origem e de seus ancestrais. Esse episódio dá oportunidade à personagem principal de fazer um *mea culpa* a respeito de sua postura de juventude, que valorizava a vida na ex-metrópole em detrimento da vida no Senegal, e que mudou para um movimento contrário, de enxergar as potencialidades ainda desconhecidas de seu país de origem, capazes de construir um futuro próspero em seu próprio país.

O terceiro tipo de deslocamento está representado na figura de Yakham, imigrante ilegal que busca melhores condições de trabalho no exterior, mas só consegue empregos subalternos,



ficando preso numa engrenagem da qual dificilmente poderá sair caso permaneça na ex-colônia, e que o coloca abaixo da categoria de cidadão.

O quarto tipo de deslocamento está presente nas lembranças idílicas da personagem Anne, amiga de Asta e filha de um administrador colonial que se mudou com a família para países africanos, onde fora trabalhar. Aqui, a viagem e a permanência são marcadas sobretudo por memórias agradáveis e até paradisíacas, numa descrição que parece eludir os conflitos advindos da situação colonial e, por isso mesmo, porque já foram descritos nas situações vividas por Asta, sua família e seus colegas do espaço conector, coloca-os em relevo.

O último deslocamento em apreço acontece em solo senegalês e é realizado pelas próprias personagens senegalesas que, depois de serem deportadas, encontram uma espécie de Eldorado em seu próprio país e para ele se deslocam. É nele que as personagens acabam por encontrar o que buscariam em solo europeu e muito mais: a prosperidade e a valorização das próprias raízes e de suas próprias particularidades. Acabam por reencontrar-se consigo mesmas, com sua identidade cultural e com o sentimento de pertencimento.

#### 4. Referências bibliográficas

AULETE Digital. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/>. Acesso em 20. set. 2021.

DIOUF, Mbaye. *L'énonciation de l'exil et de la mémoire dans le roman féminin francophone: Anne Hébert, Aminata Sow Fall, Marguerite Duras*. 2009, 340 f. Tese (Letras) – Université Laval, Québec. 2009.

FALL, Aminata Sow. *Douceurs du Bercaïl*. Abidjan, Nouvelles Editions Ivoiriennes, 1998.

MAMBENGA-YLAGOU, Frédéric. Problématique definitionnelle et esthétique de la littérature africaine francophone de l'immigration. *CAUCE, Revista internacional de Filología y su Didáctica*, nº 29, 2006, p. 273-293.

MARTINATTI, Fernanda Bortoletto; ROSSI, Amélia do Carmo Sampaio. Espaço conector no aeroporto internacional de Guarulhos: o campo que excepciona os Direitos Humanos, sob a luz da nova lei de migração (lei nº 13.445/17). *Revista Juris Poiesis*, Rio de Janeiro, vol. 20– nº24, 2017, p. 64-87.



ONUKO, Theodora. L'Analyse critique du thème de l'immigration dans Douceurs du bercail d'Aminata Sow Fall. *AFRREV LALIGENS*, vol. 1 (1), 2012b, p. 145 -153. 2012.

ROSA, Aline Nunes da. Deslocamentos territoriais: mapeando um processo investigativo. Chaud, E. (Orgs.). *Anais do VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual* Goiânia-GO: UFG, FAV, 2014, p. 609-621.

THIOYE, Cathy Diagne. *L'immigration dans la littérature africaine a travers Douceurs du bercail d'Aminata Sow Fall et le ventre de l'Atlantique de Fatou Diome*. 2005. 128 f. Dissertação (Letras e ciências humanas) - Université Gaston Berger de Saint - Louis, Saint - Louis, 2005.

